

Posições mais próximas em Washington

GAZETA MERCANTIL

13 ABR 1987

por Paulo Sotero
de Washington

O ministro da Fazenda, Dilon Funaro, disse na sexta-feira passada, em Washington, que o debate sobre o problema da dívida avançou na direção das teses pregadas pelo Brasil durante a Vigésima Oitava Reunião Anual do Comitê Interino do Fundo Monetário Internacional (FMI) em Washington.

"Ainda é muito cedo para dizer que há uma aceitação total (da posição brasileira), que há sucesso", ressaltou o ministro, "mas o que nós discutimos nesta reunião é muito diferente do que discutimos nos últimos dois anos."

Ao fazer o balanço dos três dias de reuniões que teve com as principais autoridades econômicas do Ocidente, Funaro destacou que, nos discursos feitos por todos os participantes do encontro, do novo diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, ao secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker III, houve uma insistência

generalizada na necessidade de se preservar o crescimento econômico dos países devedores.

O ministro da Fazenda registrou, também, como ponto positivo, "a boa recepção que, em suas palavras, o Banco Mundial (BIRD) deu ao programa de refinanciamento brasileiro. O fato de o BIRD ter aceitado enviar uma missão ao Brasil "para conversar mais detalhadamente sobre o plano e estudar que projetos podem ser financiados" foi apontado por Funaro como uma indicação concreta de apoio ao plano. Fontes do banco, ouvidas por este jornal, classificaram o plano apresentado "como um bom começo".

Mas o ministro mostrou-se especialmente satisfeito com o conteúdo do último dos três discursos que Baker fez na quinta-feira, no qual o secretário do Tesouro qualificou o montante de empréstimos dos bancos aos países endividados, no ano passado, como "claramente desapontador" e propôs que as instituições financeiras desenvolvessem, por conta própria, "um menu de opções" diferente do esquema atual, baseado em empréstimos adicionais, que é incapaz de evitar "crises financeiras periódicas".

Em seu menu, Baker incluiu um aumento das linhas de crédito comercial, investimentos, empréstimos para projetos, com ou sem co-financiamento com o Banco Mundial (mas sem garantia do BIRD), conversão de dívida em ações e formas parciais de capitalização através da compra, pelos credores, de papéis dos países devedores, como prevê o acordo com as Filipinas e foi pleiteado pelo governo argentino.

Perguntado a respeito, Funaro disse que o discurso de Baker — que foi apresentado pelo jornal Washington Post como "uma nova iniciativa" sobre a questão da dívida — mostra "que, depois de o Brasil ter insistido nessa tese e de ter sido às vezes mal compreendido, pois alguns acharam que nós queríamos uma confrontação, começa a haver uma aproximação de posições. E é nisso que temos insistido".

Ele classificou de "muito positivo" o encontro que teve a sós, na quinta-feira, com Baker e com Paul Volcker, o presidente do

Federal Reserve Board, o banco central dos Estados Unidos, e contou que dois funcionários do Ministério da Fazenda tiveram uma reunião com funcionários do Tesouro para conversar mais detalhadamente sobre o plano.

Significativamente, Funaro deixou passar a oportunidade para

(Continua na página 15)

Indagado novamente sobre os efeitos das declarações do governador Orestes Quércia, de São Paulo, que pediu seu afastamento do governo, Funaro procurou, numa entrevista que concedeu à imprensa estrangeira, evitar a questão, afirmando que isso é "uma coisa normal na democracia". Mas, falando pouco depois a jornalistas brasileiros, ele admitiu que a iniciativa do governador lhe causara problemas. "Eu sempre sou recebido com muito carinho. Mas as pessoas perguntam se é com essa equipe mesmo que vão negociar".

Posições mais próximas...

por Paulo Soares
de Washington
(Continuação da 1ª página)

criticar a posição americana em relação à questão do capital do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), que foi assunto de uma reunião da qual participou com Baker e os ministros de Finanças da Venezuela, da Argentina e do México, no fim da tarde da quinta-feira, a reunião não deu resultado, em virtude da recusa dos países latino-americanos de aceitar a proposta americana, que condicionou o aumento de capital da instituição à obtenção de um poder de veto sobre decisões de empréstimos.

Se é inegável que o discurso de Baker e a ênfase que foi dada durante a reu-

nião do comitê interino à importância do crescimento moveram o cenário da discussão da dívida na direção geral da pregação brasileira, parecia improvável, na sexta-feira passada, que eles tenham resultado ou venham a resultar, ao menos no curto prazo, numa aproximação imediata do Brasil e seus credores oficiais e privados no que concerne à proposta específica de renegociação que foi apresentada por Funaro.

A gelada acolhida que os membros do comitê de bancos deram à proposta, que lhes foi formalmente apresentada pelo presidente do Banco Central, Francisco Gros, na sexta-feira passada, é um indicio de que, na melhor das hipóteses, a rota de negociação escolhida pelo Brasil envolverá "um

longo processo", como o próprio Funaro reconhece.

De acordo com um dos cerca de sessenta executivos de banco presentes à reunião, a notícia dada por Gros, de que uma missão do Banco Mundial (BIRD) visitará o Brasil, depois da Semana Santa, "foi a única boa notícia" do encontro. "Talvez o governo brasileiro tenha começado a perceber que não pode viver isolado do mundo exterior", disse o banqueiro.

A decisão de Baker de aumentar a pressão sobre os bancos foi provocada, segundo uma fonte oficial americana, pela necessidade imediata de evitar o possível descarrilamento da negociação argentina. Foi, portanto, um gesto calculado para esvaziar uma possível ameaça à sua própria estratégia, que se materializaria caso os argentinos cumprissem sua ameaça de encerrar as negociações na sexta-feira, se os bancos não concordassem de uma vez com uma taxa de risco igual à que cobraram do México para os US\$ 2,15 bilhões de dinheiro novo que concordaram em emprestar.

A fonte reconheceu, contudo, que a decisão de Baker de falar do menu de opções deriva, também, "do reconhecimento de que as coisas estão mudando" e de que "há pressões de vários lados por novas iniciativas, que vão da suspensão de pagamentos pelo Brasil a propostas de diversificação das soluções de refinanciamento apresentadas no Congresso (dos EUA)".

Uma fonte do Federal Reserve Board, ouvida por este jornal, observou, porém, "que a imprensa fez uma leitura exagerada" do discurso de Baker e aconselhou a leitura do discurso que o secretário do Tesouro fez, na sexta-feira pela manhã, perante o Comitê de Desenvolvimento do BIRD. Nesse discurso, Baker reafirmou que a estratégia que apresentou para o problema da dívida, em 1985, continua "correta".

"Não se trata de uma nova iniciativa. O que ele está dizendo é que a estratégia até agora está funcionando, mas que há problemas numa de suas partes, que é a participação dos bancos", afirmou o funcionário. Mas isso, acrescentou ele, "Baker e Volcker vêm dizendo há várias semanas".

A fonte evitou comentar o encontro entre Funaro e Volcker, afirmando apenas "que o diálogo prossegue e que as pessoas estão escutando". Mas sugeriu que o ministro brasileiro agora "voltará para casa e absorverá o que ouviu".

"A essência da posição de Volcker foi expressa no seu depoimento ao Congresso na terça-feira passada", aduziu. Nesse depoimento, o presidente do banco central americano indicou que a formulação de um programa econômico consistente, que faça sentido e tenha a confiança dos brasileiros, "é um pré-requisito" para que o Brasil consiga normalizar as relações com seus credores e parceiros comerciais.